

ENSINANDO E APRENDENDO JUNTOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A MINHA ATUAÇÃO DOCENTE NO ENSINO COLETIVO DE VIOLINO¹

Teaching and learning together: an experience report on my teaching practice in collective violin

Joyce Anne Sotero da Silva²

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Resumo

Este trabalho tem como tema principal o ensino coletivo de violino e trata-se de um relato de experiência sobre a minha atuação nesse contexto. O objetivo geral do artigo é refletir sobre a minha experiência como professora em aulas coletivas de violino. Os objetivos específicos são: discutir sobre os aspectos do ensino coletivo a partir da literatura; descrever experiências de ensino coletivo de violino; e refletir sobre como essas experiências influenciaram na minha formação docente. A metodologia utilizada é um relato de experiência que partindo de situações pessoais busca conectá-las com as discussões existentes na área. Por fim, aponto que tais experiências lecionando em turmas coletivas de violino foram de grande importância para repensar e vivenciar diferentes formas e metodologias de dar aulas de instrumento musical.

Palavras-chave: ensino coletivo; pedagogia do instrumento.

Abstract

The main theme of this paper is group violin teaching, and it is an experience report about my work in this context. The general objective of the article is to reflect on my experience as a teacher in group violin classes. The specific objectives are: to discuss aspects of group teaching based on literature; to describe experiences of group violin teaching; and to reflect on how these experiences influenced my teaching training. The methodology used is an experience report that, despite bringing personal situations, seeks to connect them with existing discussions on the subject. Finally, I point out that these experiences teaching group violin classes were of great importance for thinking about and experiencing different ways and methodologies of teaching musical instruments.

Key words: collective teaching; collective violin lesson; violin teaching.

¹ Trabalho de conclusão de curso desenvolvido sob orientação da Prof. Dra. Andréa Matias Queiroz, E-mail: andrea.queiroz@ufpe.br

² Graduada no curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE-CAC E-mail: Joyce.sotero@ufpe.br

1. INTRODUÇÃO

O ensino coletivo é uma abordagem pedagógica cada vez mais usada nas instituições educacionais. Essa forma de ensino permite atender a um maior número de alunos concomitantemente, como afirma Cruvinel (2005, p. 19) “a musicalização/iniciação instrumental através do ensino coletivo, pode dar acesso a um maior número de pessoas à educação musical”, transformando-se, assim, em um importante instrumento para o processo de democratização do ensino de música.

Essa modalidade oferece uma série de benefícios técnicos, cognitivos e sociais, pois quando se trabalha em grupo, todos aprendem ao mesmo tempo pela possibilidade de ouvir e ser ouvido, desenvolvendo a percepção da sua própria execução e a sensibilidade perceptiva. Esses são alguns dos aspectos que fizeram parte do meu aprendizado e da minha vida profissional como professora de violino em uma escola municipal localizada na cidade de Recife/PE, e que me possibilitaram escolher este tema: o ensino coletivo do violino.

Ao longo do Curso de Licenciatura em Música, ampliei meu interesse sobre ensino coletivo de instrumento e passei a buscar entender melhor essa abordagem por meio da literatura da área da Educação Musical. Com isso, pude encontrar estudos e pesquisas que mostram a contribuição significativa de tal abordagem para o desenvolvimento de aspectos musicais e também para o fortalecimento de habilidades sociais, ao me sentir parte de uma comunidade de aprendizagem (Cruvinel, 2005; Montandon, 2004; Tourinho, 2007).

Tendo em mente os fatores positivos do ensino coletivo, no ano de 2024, quando comecei a dar aulas de violino, optei por esta abordagem, por entender que esta seria uma base apropriada para o perfil da turma a qual estava atuando (alunos adultos iniciantes no violino) e pelas possibilidades de progressos em aspectos como desinibição, socialização e até mesmo afinação.

A partir da minha experiência, enfrentando os desafios e possibilidade de ministrar aulas coletivas de violino, me interessei cada vez mais por entender esta abordagem a fundo. O principal desafio para mim, talvez tenha sido o de atender a diferentes níveis de domínio sobre o instrumento em uma mesma turma. Este aspecto também, por outro lado, oferece ricas possibilidades como a troca de experiências e o crescimento mútuo entre os participantes.

Diante desses aspectos, este artigo de conclusão de curso propõe-se a apresentar um relato de experiência sobre minha prática profissional, por meio da descrição de duas oficinas coletivas de violino que ministrei no primeiro semestre de 2025 e que teve duração de dois encontros. As oficinas foram destinadas a alunos adultos e idosos, em uma escola de ensino musical na qual atuo como professora desde o ano de 2024.

Para isso, estabeleci como objetivo geral: refletir sobre uma minha experiência como professora em aulas coletivas de violino para uma turma de adultos e idosos. Os objetivos específicos são: discutir sobre os aspectos do ensino coletivo a partir da literatura; descrever as minhas experiências de ensino coletivo de violino; e refletir sobre como essas experiências influenciaram na minha formação docente.

Assim, apresento a seguir a abordagem metodológica adotada para realização deste artigo, algumas definições sobre o ensino coletivo e, posteriormente, um relato reflexivo partindo da minha percepção sobre as oficinas ministradas.

2. O ENSINO COLETIVO DE VIOLINO: ALGUMAS DEFINIÇÕES

Ao longo do tempo, tal abordagem pedagógica ganhou visibilidade, devido à sua capacidade de proporcionar habilidades sociais, cognitivas e musicais de maneira integrada e relevante, impulsionando o crescimento individual e coletivo dos participantes (Silva; Veber, 2011).

No campo da educação musical, os termos "ensino coletivo" e "ensino em grupo" são frequentemente utilizados como sinônimos, mas, conforme apontam diversos autores brasileiros, há distinções importantes entre eles. De acordo com Penna (2010), o ensino coletivo de instrumento musical refere-se a uma abordagem pedagógica estruturada que considera a coletividade como elemento central da aprendizagem. Nessa modalidade, o planejamento didático é desenvolvido especificamente para o contexto coletivo, com repertórios, dinâmicas e objetivos pensados para a interação entre os participantes. Já o ensino em grupo, embora também envolva a presença de vários alunos, tende a manter características de aulas individuais aplicadas simultaneamente, sem

necessariamente explorar os potenciais pedagógicos do grupo como espaço de construção coletiva do conhecimento.

De acordo com Tourinho (2007), a forma de planejar essas atividades também faz diferença, pois, segundo a autora, no ensino individual a aula é direcionada para atender as necessidades de um único estudante, e segue o estudo, frequência e o rendimento deste aluno. No ensino coletivo o planejamento é feito para o grupo, levando-se em conta as habilidades individuais de cada um.

Além disso, o ensino coletivo, como destaca Loureiro (2003), favorece o desenvolvimento de habilidades musicais e sociais por meio da escuta mútua, da cooperação e da vivência musical compartilhada. Essa prática demanda estratégias específicas como a escolha de repertórios que permitam diferentes níveis de participação e a organização de atividades que promovam a autonomia dentro do coletivo. Em contrapartida, o ensino em grupo pode se restringir a uma divisão de atenção do professor entre os alunos, sem que haja, necessariamente, um trabalho articulado entre eles. Para Fonterrada (2008), o ensino coletivo propõe uma concepção mais ampla de aprendizagem musical, que ultrapassa a mera transmissão técnica e valoriza os processos interativos e afetivos vivenciados em grupo.

Assim, embora ambos os modelos envolvam múltiplos participantes, o ensino coletivo se diferencia por sua intencionalidade pedagógica voltada à coletividade, enquanto o ensino em grupo pode ser entendido como um arranjo logístico que nem sempre contempla as dimensões colaborativas e sociais do fazer musical.

O ensino coletivo de instrumento retrata uma perspectiva colaborativa, de modo que os alunos são envolvidos nas experiências de aprendizado em grupo. Ao contrário do ensino individual tradicional, onde o ponto recai para o crescimento e desenvolvimento de um único estudante, o ensino coletivo ressalta a interação dos participantes em construção do conhecimento musical (Montandon, 2004). Com base nisso, apresento a seguir alguns aspectos do ensino coletivo a partir do diálogo com a área da Educação Música, bem como os aspectos relevantes da minha atuação para uma reflexão sobre a minha formação docente ao longo desse percurso.

O ensino coletivo da música tem se mostrado uma abordagem metodológica eficaz na formação musical do aluno que está engajado no aprendizado em grupo. Esse modo educacional oferece um ensino que se destaca pela capacidade de promover interação social em conjunto, além de representar uma abordagem criativa e ajustada as especialidades contextuais e individuais para o aprendizado. Nos aspectos voltados para a socialização e a performance, Tourinho (1995, p. 187) explica que,

Os estudantes são menos tímidos nos primeiros contatos com o público, visto que a exposição constante ao julgamento mesmo que silencioso dos colegas diminui a inibição das “audições” e provas de fim de semestre.

Cruvinel (2005) também acredita que o Ensino Coletivo de Instrumento Musical pode ser uma importante ferramenta para o processo de socialização do ensino musical, democratizando o acesso do cidadão à formação musical. Além disso, também podemos pensar que a música nos conecta como seres sociais que somos, com todas as possibilidades, podemos ouvir, tocar, cantar, criar, como uma relação de trocas. Nesse sentido, Kashima (2014) também explica que a música é uma ferramenta de socialização e sensibilização que possibilita o desenvolvimento da expressão e comunicação, sendo estes aspectos ampliados pelo ensino coletivo.

O ensino coletivo é uma ferramenta valiosa para estimular trocas de ideias e saberes entre os estudantes e entre professor e aluno. Sobre isso, Tourinho (2006) explica que, quando um aluno enfrenta uma dificuldade numa atividade, como por exemplo, executar uma passagem musical complexa, e o colega de turma, que possui a mesma dificuldade, o observa resolvendo a questão com uma técnica diferente a que ele conhece, isso pode inspirá-lo a seguir pelo mesmo caminho na prática. Nas palavras da autora, o aluno “[...] aprende a aprender vendo e ouvindo os colegas” (Tourinho, 2006, p. 52).

A autora também elenca alguns pontos fundamentais para a elaboração e preparação de uma aula na modalidade coletiva:

- 1) acreditar que todos podem aprender a tocar um instrumento;
- 2) acreditar que todos aprendem com todos;
- 3) a aula inteira é

planejada para o grupo; 4) o planejamento é feito para o grupo, levando-se em consideração as habilidades individuais de cada um; 5) autonomia e decisão do aluno; 6) tempo do professor e do curso: se um aluno não comparece, os outros estarão presentes e o desafio passa ser administrar o progresso dos faltosos (Tourinho, 2007, p. 4).

Podemos observar que o ensino individualizado é capaz de suprir as dificuldades de um aluno e monitorar de perto o seu progresso, já no ensino coletivo, além do formato ser diferente, a aula é planejada para o grupo, sem negligenciar as habilidades individuais de cada aluno e organizando o conteúdo de acordo com o conhecimento e preferências.

No que diz respeito, especificamente, ao ensino coletivo de violino, Ying (2007), enfatiza a importância desse modelo como uma abordagem eficaz para a aprendizagem instrumental, destacando benefícios pedagógicos, sociais e musicais. Um dos principais pontos abordados é que o ensino coletivo permite que os alunos desenvolvam habilidades técnicas e musicais de forma mais dinâmica, promovendo um ambiente de aprendizado colaborativo e motivador.

Além disso, Ying (2007) argumenta que a interação entre os estudantes potencializa a prática da escuta ativa, a afinação e o desenvolvimento do senso rítmico, uma vez que tocar em grupo exige coordenação e sensibilidade auditiva. Outro aspecto relevante destacado pela autora é a abordagem pedagógica utilizada no ensino coletivo, que muitas vezes se baseia em metodologias ativas, jogos musicais e atividades que estimulam a participação engajada dos alunos. E com isso, o professor, nesse contexto, assume um papel de mediador, incentivando a autonomia e a responsabilidade coletiva pela aprendizagem.

A autora também discute como esse modelo pode favorecer a inclusão de alunos com diferentes níveis de habilidade, permitindo que aprendam uns com os outros e promovendo um ambiente menos competitivo e mais cooperativo. No entanto, segundo Ying (2007), essa metodologia seria mais adequada apenas para alunos iniciantes, sendo necessário que, ao progredir no instrumento, os estudantes devem ser direcionados para outro método de ensino, seja com aulas individuais ou em pequenos grupos que permitam um aprofundamento maior aos aspectos específicos do violino.

Além disso, a tese destaca desafios do ensino coletivo de violino, como a necessidade de planejamento cuidadoso por parte do professor, a adaptação do repertório para atender às necessidades do grupo e a gestão de diferentes níveis de aprendizado dentro da mesma turma. Apesar dessas dificuldades, Ying (2007) defende que o ensino coletivo pode ser uma alternativa viável e enriquecedora ao ensino individual, ampliando o acesso à educação musical e fortalecendo o desenvolvimento artístico e social dos alunos.

A prática coletiva também encontra respaldo nos estudos de Paulo Bosisio, renomado violinista e pedagogo, que defende a ideia de que o ensino coletivo não apenas complementa o ensino individual, mas também estimula a formação de uma escuta crítica e o engajamento musical desde os primeiros contatos com o instrumento. Em suas experiências com orquestras-escola, Bosisio (2007) destaca o valor da socialização da prática musical, o que pode levar a um aprendizado mais significativo e afetivo.

Outro autor que contribui para esse debate é Fábio Presgrave (2010), que enfatiza a importância do ensino coletivo na formação integral do músico. Para Presgrave (2010), o ambiente coletivo oferece aos alunos a vivência de repertórios diversos, o que favorece tanto o domínio técnico quanto a expressividade musical. Ele também aponta que esse modelo contribui para a autonomia dos estudantes, uma vez que o aprendizado é construído de forma compartilhada.

Em síntese, o ensino coletivo de violino no Brasil é uma prática que vem ganhando espaço e relevância, tanto por seu potencial pedagógico quanto por seu alcance social. Dialogando com as contribuições de autores brasileiros, é possível perceber que essa abordagem pode não apenas formar instrumentistas competentes, mas também cidadãos sensíveis, críticos e colaborativos.

3. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Esse artigo trata-se de um relato de experiência da minha prática docente com o ensino coletivo de violino, a partir de uma abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2012), lida com questões bastante específicas e enfoca

um nível de realidade que não se expressa em dados quantitativos. Com base nessa concepção, a finalidade desse tópico é apresentar a abordagem metodológica utilizada, bem como a descrição do contexto onde ocorreram as vivências como professora de aulas coletivas de violino. Isso significa que se dedica à compreensão de significados, intenções, aspirações, crenças, valores e atitudes, explorando dimensões mais profundas das relações, processos e fenômenos que não podem ser simplesmente traduzidos em variáveis mensuráveis. Optei pelo relato de experiência como abordagem metodológica a partir da perspectiva de Grollmus e Tarrés (2015), que o compreende como narração detalhada de conhecimentos vividos.

3.1 O contexto das oficinas de violino

Atuo como professora de violino desde o ano de 2024 em uma escola municipal localizada na cidade de Recife/PE, cujo objetivo é oferecer cursos de artes e atividades de lazer orientadas para crianças, jovens e idosos. Neste espaço, atuo com aulas coletivas e individuais, no entanto, as experiências que nortearam a realização desse artigo, ocorreram em duas oficinas coletivas de violino, realizadas no início do primeiro semestre de 2025, com alunos adultos e idosos, iniciantes no estudo do instrumento musical.

A escola oferece cursos de qualificação profissional a nível básico em música, com duração de dois anos, com acesso à matrícula sem processo seletivo para jovens e adultos a partir dos 14 anos, e oficinas semestrais para criança, jovens, adultos e idosos.

No curso de música, além do instrumento principal, o aluno tem disciplinas de teoria musical, percepção, solfejo, história da música, práticas com flauta doce como auxiliar da teoria, técnica vocal e canto coral. Ao ingressar, os alunos iniciam as aulas teóricas e somente a partir do segundo semestre do curso, o aluno poderá escolher um dos seguintes instrumentos (violão, violino, baixo acústico, violoncelo, piano, teclado, bateria, sax, flauta transversal, trompete, trombone ou voz como instrumento).

4. RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO COLETIVO DE VIOLINO

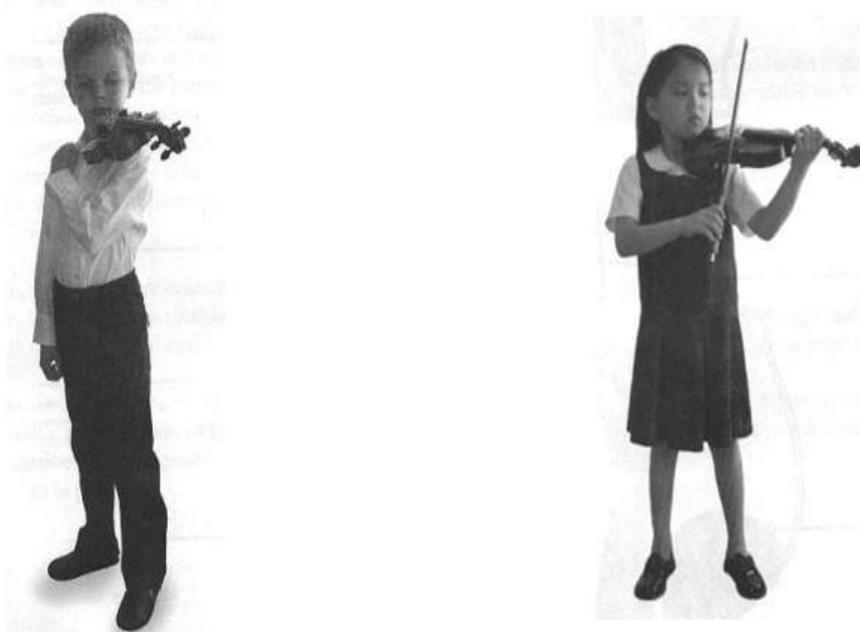
Após ter tido experiências bem sucedidas de aprendizagem coletiva na minha própria trajetória no violino, optei por levar tais vivências também para a minha prática como professora. A experiência de que trata esse artigo foi realizada em duas oficinas de violino ministradas por mim para cinco alunos iniciantes. Essa quantidade foi definida pela disponibilidade dos alunos em participar dos dois dias em que seriam realizadas as oficinas e pelo interesse em participar. Inicialmente, convidei os alunos da minha turma de teoria musical a participarem das oficinas, expliquei brevemente sobre o trabalho de conclusão de curso e sobre os detalhes do funcionamento das oficinas.

O primeiro dia contou com a presença de cinco alunos de violino, dos quais, três já estudavam violino comigo e dois eu não conhecia o nível em relação ao instrumento musical. Expliquei novamente que as oficinas seriam descritas no meu artigo de conclusão de curso, mas que ninguém seria identificado ou citado diretamente, visto que o artigo se trata da minha experiência como professora e não do desenvolvimento dos alunos.

Ao iniciar a primeira oficina, observei que os estudantes estavam em momentos de aprendizagem distintos, então, no intuito de conhecê-los um pouco melhor iniciei com uma atividade mais individualizada. Após esse momento, comecei a realizar atividades com objetivo de introduzir os conceitos básicos do instrumento, como postura para segurar o violino e o arco, tipos de arcadas no violino, ritmos, entre outros.

Sobre a postura correta para segurar o violino, passei as seguintes orientações para os alunos: é necessário tocar com o corpo ereto e busto para frente, com as pernas entreaberta, sendo a perna direita recuada um pouco para trás, conforme mostra a (figura 1).

Figura 1 – Postura correta para segurar o violino



Fonte: Pedreros (2022 P. 35).

Descrição da imagem: A figura ilustra duas crianças tocando violino. À esquerda, um menino está em pé segurando o violino com o braço esquerdo e o arco com o direito. Ele veste uma camisa social de cor clara, calças escuras e sapatos escuros. Ele está direcionado para o violino. À direita uma menina também está de pé tocando violino da mesma maneira. Ela veste uma camiseta de cor clara por baixo de um vestido escuro meias claras e sapatos escuros.

Esta questão do que vem a ser uma boa postura ao tocar é um assunto amplamente tratado em diferentes métodos voltados para o ensino do violino, como Suzuki³ e Rolland⁴. Já as técnicas de segurar o arco que apliquei vieram das minhas vivências como aluna e que também podem ser encontradas nos mesmos métodos citados.

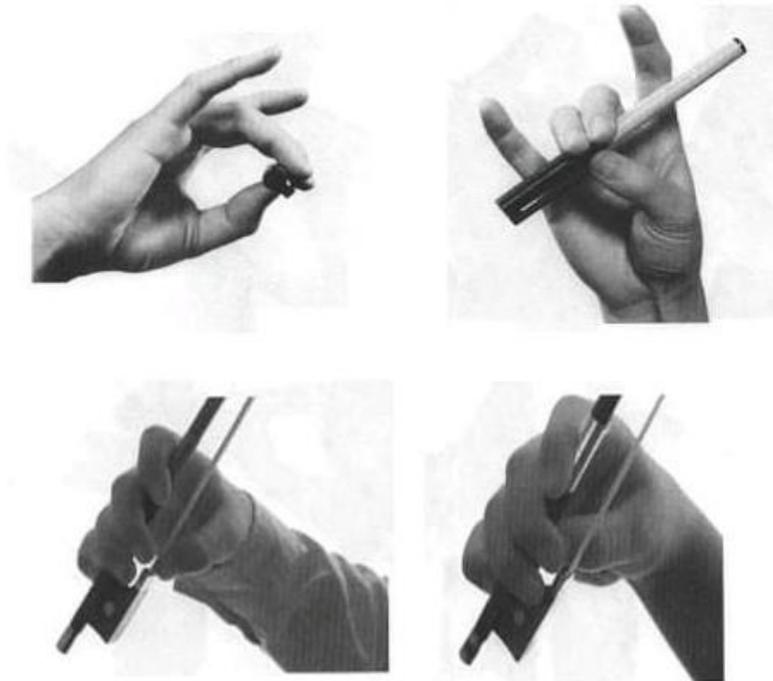
O modo de segurar o arco é muito importante para uma boa execução, pois a mão direita é responsável por tirar o som do instrumento, por este motivo optei por realizar algumas atividades que ajudassem os alunos a fortalecer a empunhadura do arco, conforme mostrado na figura 2, que ilustram a prática da

³ Para saber mais informações sobre o método Suzuki:
<https://pt.slideshare.net/slideshow/suzuki-metodo-de-violino-vol-12345-37383324/37383324/>

⁴ Para saber mais informações sobre o método Rolland:
<https://pt.scribd.com/doc/262890655/Paul-Rolland-Teaching-of-Action-in-String-Playing-pdf>

empunhadura, inicialmente sem o apoio dos dedos mínimo e indicador e posteriormente com o dedo mínimo deve ser posicionado na parte superior da vareta e o indicador sobre o lápis. Subsequentemente, essa forma deve ser substituída pela pegada no arco.

Figura 2 – Empunhadura no lápis



Fonte: Pedreros, (2022 p. 37).

Descrição da imagem: Esta figura mostra quatro fotos de mãos segurando um objeto de maneiras diferentes. As duas fotos superiores focam em segurar o lápis. As duas fotos inferiores ilustram duas formas de segurar uma vareta ou arco do violino com diferente posicionamento dos dedos.

Após esse momento, passamos a praticar de diferentes mudanças de arco por meio de escalas, mudanças de corda e de ritmos. Ao notar que os alunos apresentaram dificuldades rítmicas, realizei uma atividade utilizando palavras representando as divisões rítmicas para facilitar a compreensão dos alunos (como chocolate, bolo e pão, entre a (figura 3).

Figura 3 – Exemplos de palavras para ilustrar a divisão rítmica



Fonte: Imagens⁵ do Google

Descrição da imagem: O primeiro pentagrama mostra quatro semínimas na clave de sol, cada uma está sendo representada com a sílaba “pão”. O segundo pentagrama exibe oito colcheias agrupadas em pares, também na clave de sol, cada uma correspondendo à sílaba “bolo”. O terceiro pentagrama contém dezesseis semicolcheias agrupadas em quatro conjuntos de quatro, na clave de sol, cada uma está associada à palavra “chocolate”.

Além desse recurso da associação de palavras e ritmos, também utilizei a estratégia da imitação, na qual inicialmente, eu tocava e os alunos repetiam. Essa teve boa aceitação e eficácia, visto que os alunos conseguiram executar os ritmos. Além disso, por estarem tocando em conjunto, eles acabavam utilizando uns aos outros como exemplo e, à medida que iam aprendendo iam ganhando maior segurança.

Seguindo com a oficina, a partir do que pude entender em relação ao nível técnico dos alunos, propus ensinar uma música simples para que todos pudessem aprender e colocar em prática o que tinham acabado de aprender. A música proposta foi *Ode a alegria*, é um poema escrito por Friedrich Schiller que trata de um trecho pequeno bastante conhecido da Nona Sinfonia do compositor Ludwig von Beethoven.

A escolha dessa música se deu tanto por sua popularidade quanto pela facilidade de acesso à partitura, que possui diversas versões simplificadas,

⁵ [search.htm](#)

adequadas para alunos iniciantes, não apenas de violino. A seguir, está a imagem da partitura utilizada com os alunos nas duas oficinas.

Figura 4 – Excerto da partitura da música Ode a alegria

Ode a alegria

The image shows a musical score for three violins. The title is "Ode a alegria". The score is in G major (one sharp) and 4/4 time. It consists of two systems of staves. The first system has three staves labeled "Violin I", "Violin II", and "Violin III". The second system has three staves labeled "Vin. I", "Vin. II", and "Vin. III". The music is divided into ten measures, numbered 1 through 10. Measures 1-4 show the main melody in Violin I, with Violin II providing accompaniment and Violin III playing a similar accompaniment. Measures 5-8 show Violin II introducing a new melody, while Violin I and III continue their accompaniment. Measures 9-10 show the continuation of the accompaniment for all three violins.

Fonte: Partitura de domínio público (editada pela autora: Joyce Anne)

Descrição da imagem: Esta figura exhibe uma partitura para três violinos, mostra as diferentes linhas melódicas em dez compassos e escritas na clave de sol. O primeiro e o segundo violino foram feitos pelo compositor da obra e o terceiro violino foi criado pela autora do texto.

Nos quatro primeiros compassos deste arranjo, a melodia principal é executada pelo primeiro violino, enquanto o segundo violino realiza o acompanhamento, configurando uma divisão em duas vozes. Contudo, do 5º ao 8º compasso, o segundo violino introduz uma nova melodia. Diante da dificuldade de alguns alunos em relação ao domínio das notas nas cordas Ré e Sol do violino, foi necessário adaptar a partitura para facilitar a execução por todos.

Em um momento específico, para auxiliar os alunos com maior dificuldade no manejo das diferentes cordas, a terceira voz foi modificada. Nos primeiros compassos, o terceiro violino executaria as mesmas notas do primeiro violino e, nos compassos 3 e 4, tocaria a corda solta, com o objetivo de aprimorar a transição entre as cordas Lá e Ré. Nos quatro compassos seguintes (do 5º ao 8º), essa mesma adaptação seria repetida. No terceiro trecho, os alunos da terceira voz executaram um acompanhamento com as mesmas figuras musicais do segundo violino, porém com notas diferentes.

Conforme descrito, a música foi trabalhada com foco na divisão de vozes, possibilitando a participação de todos os alunos, independente de seus níveis de aprendizado, isso auxilia no desenvolvimento da afinação e da escuta, à medida que cada aluno executa a sua parte simultaneamente ouve as outras vozes.

Ao final do primeiro dia da oficina, percebi que os alunos estavam entusiasmados em tocar a música e demonstravam grande disposição para colaborar entre si, o que é uma característica marcante do ensino coletivo. Isso ficou evidente nos momentos de dificuldade, quando os colegas ofereciam apoio, incentivavam e, por vezes, até tentavam demonstrar como executar determinados trechos.

No segundo dia da oficina, os mesmos cinco alunos estavam presentes, por isso foi possível dar continuidade ao trabalho realizado anteriormente. Para isso, iniciamos revisando os trechos iniciais estudados da música *Ode a alegria* e passamos aos trechos finais, para assim, concluir a música. Tocamos a música completa algumas vezes e finalizamos a oficina com uma conversa informal sobre os dois dias da oficina, na qual os alunos relataram que ficaram animados e satisfeitos por terem conseguido tocar a música completa.

Como professora, acredito que o funcionamento da oficina, de um modo geral, foi positivo em virtude do interesse dos alunos em aprender e aderir a proposta. As aulas em grupo exigem que o professor crie estratégias para repassar o conteúdo de forma que todos, mas ao fim das duas oficinas, percebi avanços no campo da coordenação e percepção de notas em conjunto, uma vez

que no aprendizado individual, a única comparação que o aluno tem para avaliar seu grau de desenvolvimento é o padrão expressado pelo professor.

Quando a base de comparação e imitação é com os demais colegas, o aprendizado se torna mais palpável a curto prazo, pois assim, os alunos tomam ciência de que cada um possui diferentes dificuldades a serem vencidas, o que incute em cada um a vontade de superar e se igualar ao nível médio que o grupo apresenta, tornando o desafio mais alcançável para aqueles que, por serem iniciantes, lutam com suas dificuldades específicas, buscando superá-las.

Outro ponto importante foi o modo que cada um se autorregulava, pois, ao orientar algum aluno individualmente, os demais automaticamente buscavam perceber se estavam cometendo equívocos semelhantes e já tentavam sozinhos uma forma de solucionar seus próprios problemas, potencializando a sua autonomia na aprendizagem do instrumento.

Refletindo sobre essa questão, reconheço que, em determinados momentos, adotei uma postura mais próxima do ensino individual. No entanto, procurei manter esses episódios como exceções, sempre retomando o foco para uma abordagem mais colaborativa. Essa alternância é comum no ensino coletivo de instrumentos, pois a aula é um espaço dinâmico, em que, apesar do planejamento prévio, os interesses dos alunos e outros fatores imprevistos frequentemente direcionam o processo para caminhos não planejados.

Uma das principais dificuldades encontradas durante a oficina foi a necessidade de adaptar o repertório para atender às diferentes demandas e níveis de habilidade dos alunos. Embora eu já tivesse escolhido uma música considerada simples, percebi que ainda assim seria necessário fazer ajustes para possibilitar uma participação mais equitativa. Essa situação evidencia um dos desafios característicos do ensino coletivo: a heterogeneidade do grupo e a constante necessidade de flexibilização por parte do educador. Nesse sentido, Nunes (2008), explica que "a diversidade técnica e musical dos alunos exige que o professor esteja preparado para propor variações e adaptações que tornem a atividade acessível a todos" (p. 91).

Nesse contexto, torna-se evidente que, mesmo diante de um planejamento cuidadoso, o professor deve estar pronto para tomar decisões

pedagógicas em tempo real. Isso requer não apenas domínio técnico do conteúdo, mas também sensibilidade para perceber as necessidades dos alunos e intervir de forma imediata e eficaz. De acordo com Tokeshi (2011), o ensino coletivo demanda do educador “uma escuta atenta e um olhar pedagógico apurado, capazes de identificar os diferentes ritmos de aprendizagem e promover estratégias inclusivas de participação” (p. 130). Assim, a prática docente no ensino coletivo se configura como um processo dinâmico e adaptativo, no qual o conhecimento musical e a capacidade de mediação pedagógica caminham lado a lado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, teve como principal objetivo refletir sobre a minha experiência como professora a partir de duas oficinas coletivas de violino. Embora seja um relato sobre uma experiência individual, foi possível perceber a importância das aulas coletivas de violino e como essa abordagem participou do percurso de ensino – aprendizagem do instrumento. Essa percepção foi observada na minha prática e refletida como suporte da literatura comentada. Importa ressaltar um aspecto particularmente sensível da minha experiência, qual seja, como para além da técnica, a aprendizagem tem sua fundamentação sobre o desenvolvimento pessoal e social dos alunos.

A inclusão social por meio da música é importante porque permite que os alunos se sintam valorizados e parte de um grupo. Acredito que as metodologias que tenho buscado aprender e aplicar têm revelado o quanto o aprendizado coletivo é positivo, permitindo que os alunos tenham não apenas conhecimento instrumental e teórico, que são fundamentais para formação musical, mas principalmente que enxerguem a aprendizagem da música como algo leve, divertido e possível.

Ressalto que a experiência adquirida durante o curso de licenciatura em música foi essencial para a construção das experiências relatadas, pois me proporcionou a busca de uma didática mais estruturada e eficaz. Ao mesmo tempo, interiormente, percebi como dialogaram, as minhas vivências como aluna e professora, simultaneamente, de maneira importante. Foi nítida a percepção

de como os assuntos estudados na minha graduação foram cruciais ao meu desempenho e experiência docente.

A literatura citada até aqui sobre o ensino coletivo de instrumento musical foi fundamental para a construção deste artigo, pois forneceu embasamento teórico para compreender as metodologias, benefícios e desafios dessa abordagem. Os estudos sobre o tema ajudaram a contextualizar o ensino coletivo como uma estratégia eficaz para o desenvolvimento musical, social e cognitivo, destacando sua relevância na democratização do acesso à educação musical e se mostrando uma ferramenta importante que pode ser utilizada por professores de instrumento. Além disso, as discussões também ajudaram a estabelecer um diálogo entre diferentes autores e práticas, possibilitando uma análise sobre a aplicação desse modelo no contexto do trabalho.

Em síntese, esta experiência permitiu reafirmar o potencial do ensino coletivo de violino como uma prática pedagógica rica, inclusiva e transformadora. Ao refletir sobre os desafios enfrentados, as adaptações necessárias e os momentos de colaboração entre os alunos, compreendi com mais profundidade que o papel do professor vai além da transmissão de conteúdos técnicos, ele envolve sensibilidade, escuta ativa e mediação constante. A articulação entre teoria e prática, fortalecida pela formação acadêmica e pelo diálogo com autores que pesquisam o ensino coletivo de instrumentos musicais, foi essencial para consolidar uma abordagem mais consciente e eficaz. Assim, concluo que o ensino coletivo não apenas contribui para a formação musical dos estudantes, mas também fortalece vínculos sociais, promove autoestima e torna o aprendizado mais acessível e significativo para todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

BOSISIO, Paulo. **A prática orquestral e o ensino coletivo de cordas**. Rio de Janeiro: Musarte, 2007.

CASTILHO, Eleide Gonçalves. O ensino de música no contexto escolar. **ETD: Educação Temática Digital**, v. 2, n. 2, p. 181-192, 2001.

CRUVINEL, Flávia Maria. **Educação musical e transformação social: uma experiência com ensino coletivo de cordas**. Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

FONTEERRADA, Olga V. **De tramas e sonhos: um estudo sobre a formação musical de crianças**. São Paulo: Peirópolis, 2008.

GROLLMUS, Nicholas S.; TARRÈS, Joan P. **Relatos metodológicos: difractando experiências narrativas de investigação**. Fórum Qualitative Social Research, v. 16, n. 2, 2015.

KASHIMA, Rafael Keidi. Projeto Primeira Nota: democratização do ensino de música e espaço de formação docente em Campinas: democratization of Music Education and Teacher Training Space in Campinas. **REVISTA DA ABEM**, v. 32, n. 1, 2024.

LOUREIRO, Ana Maria. **Educação musical e prática instrumental em grupo: a experiência com cordas friccionadas**. São Paulo: Moderna, 2003.

NUNES, Leila. **Didática do ensino coletivo de instrumentos musicais: experiências e práticas**. São Paulo: EDUC, 2008.

PEDREROS, Haggeo Alfonso Mora. **Análise da metodologia de Rolland, Suzuki e Risi: proposta de aplicação em programa de ensino coletivo de violino**. 2022. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.27.2022.tde-11012023-170614>. Acesso em: 15 abr. 2025.

PENNA, Maura. Ensino coletivo de música: para além da técnica, um espaço de construção de sentidos. **Anais do Congresso da ANPPOM**, Natal, 2010.

PRESGRAVE, Fábio. O ensino coletivo de instrumentos de cordas: reflexões sobre práticas pedagógicas. **Revista da ABEM**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 28–35, 2010.

TOKESHI, Eliane. **O ensino coletivo de instrumentos de cordas friccionadas: fundamentos e práticas**. In: PENNA, Maura (org.). Educação musical e cidadania: práticas transformadoras. Campinas: Papyrus, 2011. p. 125–140.

TOURINHO Cristina. **A motivação e o desempenho escolar na aula de violão em grupo: influência do repertório de interesse do aluno**. Salvador: Dissertação de Mestrado, Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, 1995.

TOURINHO, A. C. Ensino coletivo de violão: proposta para disposição física dos estudantes em classe e atividades correlatas. **XX Seminário de arte e educação**, v. 20, p. 26-31, 2006.

TOURINHO, Cristina. Ensino coletivo de Instrumentos Musicais na Escola de Música da UFBA: novando a tradição, acompanhando o movimento musical do Brasil. In: OLIVEIRA, Alda; CAJAZEIRAS, Regina (Org.). **Educação Musical no Brasil**. Salvador: P&A, 2007. p. 256-264.

YING, Liu Man. **O Ensino Coletivo Direcionado no Violino. 2007. 197f.** 2012. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2007.